

## POR UMA PAX AMERICANA

Gilberto Dupas

*O Estado de S.Paulo*, 22 de setembro, 2001

O brutal ataque ao World Trade Center pode inaugurar uma era de retrocesso ou um período de avanço civilizacional. Muito vai depender de como a potência hegemônica norte-americana, profundamente ferida em seu orgulho, conseguir reagir ao insano ato de terror.

O poderio norte-americano é imenso. Ele controla 30% do PIB mundial, 40% do acesso mundial à Internet e 36% das despesas militares globais - equivalentes aos nove maiores países seguintes e mais de dez vezes maior que os gastos russos atuais. Os Estados Unidos são o grande império do nosso tempo, com suas corporações transnacionais cobrindo o globo e dominando quase todo o avanço tecnológico mundial.

É preciso lembrar, com Giovanni Arrighi, que uma nação hegemônica é aquela que conduz o sistema de nações a uma direção desejada por ela. Mas, ao fazê-lo, ela deve ser largamente percebida como buscando o interesse geral.

Os grupos dominantes nesta nação hegemônica têm de desenvolver a capacidade de liderar o sistema internacional em direção a novas formas de cooperação.

E as soluções oferecidas devem criar contínuas condições de governabilidade mundial.

O Tratado de Viena (1815) havia conduzido a Europa a uma inimaginável paz de cem anos (1815-1914), conhecido como a Pax Britannica. A razão dessa façanha inédita parece estar nas características da hegemonia inglesa. Ela tranqüilizou os governos da Europa continental, garantindo consultas às grandes potências, com a França derrotada incluída entre elas. E convidou os EUA a aderirem ao princípio de não-intervenção. Os ingleses foram criando consistentemente a condição hegemônica da percepção da busca do interesse geral: devolveram parte das Índias Orientais e Ocidentais à Holanda e à França, colocaram-se como protetores do comércio marítimo e, finalmente, consolidaram a liberalização unilateral do seu comércio, permitindo que um número crescente de países se encaixasse numa divisão internacional de trabalho que reforçava o interesse de todos em preservar esse modelo de centralidade inglesa.

No início dos anos 1940, com a 2.<sup>a</sup> Guerra no fim, já havia desaparecido qualquer vestígio daquele sistema internacional e estavam estabelecidas as bases para um novo sistema centrado e organizado nos EUA. A ONU e o FMI tomaram-se o núcleo de um governo mundial dominado pelos norte-americanos, que perderam a Rússia e a China, mas ganharam o resto do mundo. O resultado foram as duas décadas douradas do capitalismo (1950/1960). Somente em 1970, com a derrota no Vietnã e os problemas no

sistema monetário internacional, a hegemonia americana deu sinais de alguma fadiga, que a derrocada soviética veio a aliviar.

Atualmente, a hegemonia norte-americana convive com a emergência de um sistema de corporações transnacionais que devem pouquíssima lealdade a seus Estados nacionais. Os imensos fluxos de capital privado impõem restrições cada vez mais rigorosas às políticas econômicas. Os Estados nacionais perdem poder e as instituições internacionais - ONU, Otan, G-7, FMI, Bird, OMC - resultantes de Bretton Woods ficam sem parte importante de suas referências.

E o ciclo de reformas neoliberais que acelerou a integração das grandes economias da periferia do capitalismo, ocorrida nas duas últimas décadas do século que findou, com raras exceções agravou a vulnerabilidade externa desses países e piorou a concentração de renda mundial.

O atentado insano de 11 de setembro nos obriga a lembrar que construir inimigos costuma ser essencial para os povos que estão buscando sua identidade. O Islã está explodindo demograficamente, o que gera consequências desestabilizadoras para os países islâmicos e seus vizinhos.

As civilizações não-ocidentais, de forma geral, procuram reafirmar o valor de suas próprias culturas. O sistema de comunicações e mídia globais, fortemente controlado pelo Ocidente, não está produzindo convergência significativa de atitudes e crenças. Samuel Huntington nos adverte de que entretenimento não equivale à conversão cultural. Por isso alguns líderes de sociedades não-ocidentais encontram espaço para condenar o imperialismo cultural e convocam seus públicos a preservar a sobrevivência e a integridade de suas culturas a qualquer preço.

É fantasia imaginar que a queda do Muro de Berlim fez o Ocidente ganhar o mundo para sempre; e que muçulmanos, chineses e indianos vão adotar o liberalismo ocidental como única alternativa. Por outro lado, não há nada que indique que a religião muçulmana impeça que o muçulmano se desenvolva pela estrada do capitalismo moderno. Mas, ainda assim, ele continuará muçulmano.

Tanques, mísseis, submarinos e forças-tarefas não são úteis diante de pressões populacionais, instabilidade social, imigração ilegal, miséria e violação de direitos humanos. Paul Kennedy diz que Bush e a mídia americana falam em caçar os responsáveis onde quer que estejam, como se eles fossem ladrões de banco do Velho Oeste cruzando o Rio Grande. Mas como fazer isso com terroristas escondidos em grutas do fim do mundo, eventualmente protegidos ou tolerados por população civil? O golpe vil provoca um clamor geral por reação rápida e violenta. A cultura americana precisa de grandes vitórias. Mas é preciso lembrar que ela não está acostumada a enfrentar estados de alerta, toques de recolher, revistas radicais em aeroportos e restrições à liberdade. O novo inimigo, assim que retaliado, pode ferir ainda mais os americanos do que os americanos a eles. A antiga eficiência militar não serve mais.

Se houver guerra nas circunstâncias atuais, muito dinheiro será gasto, liberdades pessoais terão de ser reduzidas, esperança e confiança se transformarão em ansiedade e paranóia, haverá uma nova caça às bruxas mundo afora e uma geração inteira estará perdendo suas oportunidades. É imperativo que o povo americano lute contra o ímpeto da justa vingança, confie em suas convicções democráticas e humanistas e as faça prevalecer sobre as paixões assassinas que motivaram o ataque sangrento. Aliás, a visita de Bush a uma mesquita nova-iorquina, há poucos dias, é um gesto muito positivo.

Minimizar os perigos de uma guerra é pôr em risco todas as promessas e esperanças que anunciamos para o novo século. A reação furiosa é o que os inimigos da civilização querem